



DISPUTAS TERRITORIAIS ENTRE AS ANTIGAS REPÚBLICAS SOVIÉTICAS

Alessandro Fernandes

Doutorando em Direito pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

alefernandesrs@gmail.com

RESUMO – Com a abrupta dissolução da URSS abriu-se a possibilidade de eclosão de uma Guerra Civil que tornaria o domínio soviético num “Iugoslávia nuclear”, em função dos conflitos adormecidos pelos anos soviéticos, mediante uma combinação de força bruta e concessões culturais. Como a maior parte das fronteiras dos países do Cáucaso foram demarcadas arbitrariamente, entre 1922 e 1936, após o desaparecimento do Império Soviético a região tornou-se extremamente instável. Assim, o objetivo deste artigo é descrever os principais conflitos territoriais entre ex-repúblicas soviéticas, hibernados durante o período da URSS e que eclodiram com a sua dissolução. Acreditamos que o presente trabalho enfrentou os objetivos propostos, detalhando os principais pontos de tensão entre as antigas repúblicas integrantes da URSS. Em que pese o objeto do presente trabalho tenha sido o de retratar eventos pretéritos, e não criar prognósticos futuros, entendemos que seria importante, em estudos futuros, analisar os impactos da política agressiva de enfrentamento da Rússia com a OTAN e uma consequente aliança sino-russa e seus impactos futuros na geopolítica mundial.

Palavras-chave: URSS; Guerra; Fronteiras; Territórios.

TERRITORIAL DISPUTES BETWEEN THE FORMER SOVIET REPUBLICS

ABSTRACT – With the abrupt dissolution of the USSR, the possibility of the outbreak of a Civil War opened, which would turn the Soviet domain into a “nuclear Yugoslavia”, due to the conflicts dormant during the Soviet years, through a combination of brute force and cultural concessions. As most of the borders of the Caucasus countries were arbitrarily demarcated between 1922 and 1936, after the demise of the Soviet Empire, the region became extremely unstable. Thus, the aim of this article is to describe the main territorial conflicts between former Soviet republics, hibernated during the USSR period and which broke out with its dissolution. We believe that the present work faced the proposed objectives, detailing the main points of tension between the former republics of the USSR. Even though the object of this work has been to portray past events, and not to create future prognoses, we understand that it would be important, in future studies, to analyze the impacts of Russia's aggressive policy of confrontation with NATO and a consequent Sino-Russian alliance and its future impacts on world geopolitics.

Keywords: URSS; War; Borders; Territories.

INTRODUÇÃO

Em 25 de dezembro de 1991 Gorbachov renunciou à presidência da URSS, extinguindo-a. O então presidente estadunidense George Bush foi a televisão na mesma noite saudar a vitória dos EUA na guerra contra o comunismo, mesmo que ele não tenha contribuído efetivamente para sua derrocada, pelo contrário, agido para prolongar a vida da URSS, preocupado com a ascensão de Bóris Iéltsin e na possibilidade de eclosão de uma Guerra Civil que tornaria o domínio soviético num “Iugoslávia nuclear” (PLOKHY, 2015).

A comparação com a Iugoslávia não é de todo descabido, uma vez que os tratados que encerram a Primeira Guerra Mundial, entre 1918 e 1920 redesenharam o mapa Europeu, com o

surgimento dos Estados-Nação, supostamente ancoradas na língua e na tradição, com suas fronteiras determinadas a partir do fim dos impérios que desabavam, como os impérios Alemão, Austro-húngaro e Turco-otomano. Graças ao triunfo dos revolucionários bolcheviques, sobreviveu o Império Russo, convertido na URSS (MAGNOLI, 2022a).

A URSS era um conglomerado de nacionalidades, mantidas unificadas pela mão de ferro do Kremlin, mediante uma combinação de força bruta e concessões culturais durante a maior parte do período soviético, onde os russos compunham 51 por cento de uma população de quase 150 milhões de pessoas¹. A revolução russa possibilitou transformar o Império Russo num Estado Federal, pelo menos no que se refere a sua organização constitucional (PLOKHY, 2015).

Porém, após cerca de setenta anos exercendo um papel de protagonismo mundial durante sua experiência comunista, a nova Federação Russa deparou-se com a necessidade de reestruturar sua identidade nacional, num cenário de gravíssima crise econômica, num processo de negação de seu passado soviético (HANSEN, 2016; TSYGANKOV, 2007).

Estes conflitos latentes foram determinantes para a eclosão da “operação militar especial”² decretada pela em 24 de fevereiro de 2022, com a invasão território ucraniano, porém não se limita a estes conflitos.

Não por acaso, ao justificar a invasão da Ucrânia, PUTIN (2022) declarou: “A Ucrânia não é apenas um país vizinho para nós, mas sim uma parte inalienável de nossa própria história, cultura e espaço espiritual”, tornando-se um território indispensável para Rússia consolidar sua hegemonia sobre um Exterior Próximo formado pelo Cazaquistão (sua porção norte é fortemente eslava), pelas repúblicas do Cáucaso (Geórgia, Armênia e Azerbaijão) e, sobretudo, pelas “Rússias da Europa” (Ucrânia, Belarus e Moldávia), posição essa que já havia sido externada por Putin no Discurso de Munique, em 10 de fevereiro de 2007 (FERREIRA, 2007; MAGNOLI, 2022a), ocasião em que tratou ainda da necessidade de retirada das armas nucleares estadunidenses em solo europeu (CHADE, 2022, HILL; STENT, 2022).

Assim, o objetivo deste artigo é descrever os principais conflitos territoriais entre ex-repúblicas soviéticas, hibernados durante o período da URSS e que eclodiram com a sua dissolução.

DISSOLUÇÃO DA URSS E CONFLITOS TERRITORIAIS EMERGENTES

O final da URSS seguiu-se de transformações significativas para a Rússia, com novas demarcações fronteiriças e redefinição do papel do país na esfera externa. Da mesma forma que Gorbachov, seu sucessor, Boris Iéltsin, teve um governo marcado pelo crescimento da crise político e econômica, com uma política externa que flertava abertamente com o Ocidente e mostrava-se conformado com o deterioramento do prestígio da antiga URSS, sendo lembrado mais pelas cenas explícitas de falta de controle com bebidas alcoólicas (PICCOLLI, 2010; QUADROS; MACHADO, 2015).

Os movimentos nacionalistas no interior da URSS, excetuada a demanda das Repúblicas Bálticas, não buscavam se desligar da união, buscando somente ampliar a autonomia em relação a Moscou e apoiavam os pleitos de Gorbachov contra a burocracia do partido, porém a situação se deteriorou de forma muito rápida, levando a desintegração soviética, principalmente quando percebeu-se na queda dos regimes comunistas na Europa Oriental que o Kremlin não empregaria força miliar para manter o controle nas regiões sob domínio soviético (BERTONHA, 2010; MUNHOZ, 2020).

¹ Os ucranianos eram o segundo maior grupo étnico, compondo cerca de 20 por cento da população soviética (PLOKHY, 2015).

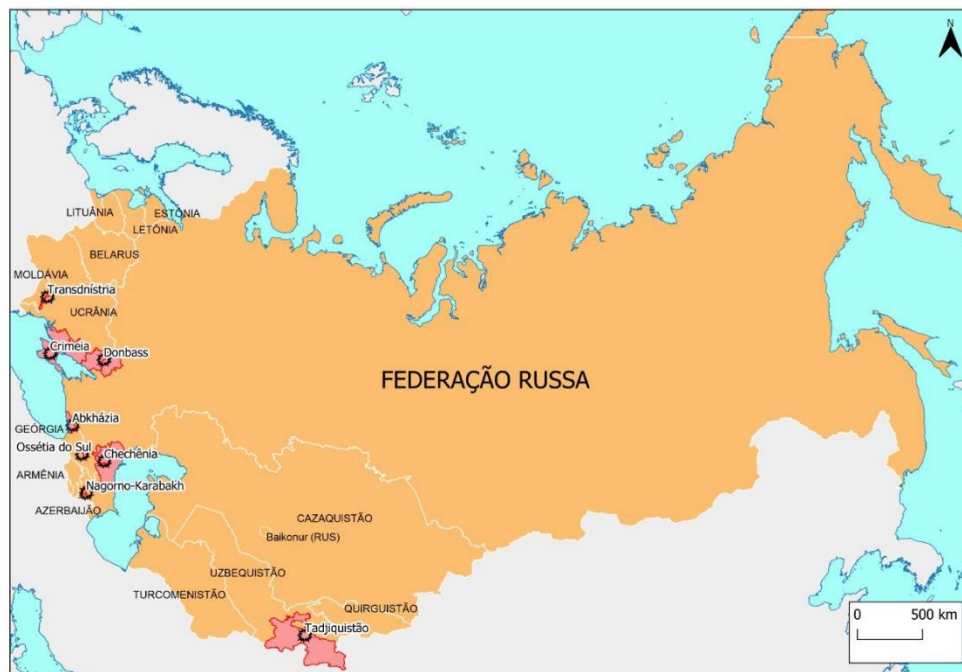
² Vladimir SOLOVIOV, um dos principais âncora de TV russo assim explica o conflito: "Quando um veterinário desparasita um gato, para ele é uma operação especial, para os vermes é uma guerra e para o gato é uma limpeza" (SOLOVIOV *apud* MAGNOLI, 2022b).

A busca pela recuperação financeira de uma economia em ruínas, somados com a convicção de Iéltsin de que o fim da Guerra Fria seria prelúdio de uma aproximação inquebrantável com o ocidente levaram a grandes cortes em investimentos militares, reduzindo o orçamento de defesa, fragilizando severamente a capacidade militar russa (MAZAT; SERRANO, 2011) foram determinantes para transformar a região em um teatro de guerra, conforme percebe-se no trecho abaixo colacionado:

O período de domínio soviético sobre a Europa do Leste foi uma experiência altamente negativa para os países-satélite, assim como para os vários estados ex-soviéticos que são hoje independentes. Todos eles vivem a síndrome de stress pós-traumático. Forças de direita no interior destes países estão a explorar este medo para favorecer as suas agendas internas. Estas forças não temem verdadeiramente a pressão directa militar da Rússia, ou mesmo a pressão política. Elas temem que a Europa ocidental faça um acordo político com a Rússia, e que elas não sejam tidas nem achadas sobre os termos deste acordo (WALLERSTEIN in CHAVES; SCHURSTER, 2009, pp. 4-5).

A maior parte das fronteiras dos países do Cáucaso, porém, foi demarcada arbitrariamente, entre 1922 e 1936, e, após o desaparecimento do Império Soviético, a região tornou-se extremamente instável (BANDEIRA, 2013), conforme pode ser percebido pela figura abaixo:

Figura 1. Disputas Territoriais Decorrentes da Dissolução da URSS



Fonte: Atlas IBGE (2021)

Com o fim da URSS as ex-Repúblicas soviéticas foram envoltas em meio a um processo de anarquia que normalmente segue ao naufrágio de um império, trazendo à tona uma série de conflitos que permaneciam latentes durante o período soviético, e que a Rússia, seja por sua extensão territorial, pelo tamanho de sua população ou ainda sua importância militar, não pode aceitar silente (MANKOFF, 2009; MIELNICZUCK, 2016). Além do mais as fronteiras entre as

Repúblicas Soviéticas não possuíam um traçado definitivo, uma vez que estes temas eram resolvidos pragmaticamente no nível distrital soviético (PLOKHY, 2015).

Retirada a existência da “União” que arbitrava politicamente e impedia a eclosão dos conflitos, abriu-se caminho para eclosão de guerras, confirmando a máxima de que “a guerra é meramente a continuação da política por outros meios” (CLAUSEWITZ, 2017, p. 35). Afinal o propósito político é uma meta e a guerra é a forma para atingir o objetivo e nunca devemos isolar o meio de seus propósitos (CLAUSEWITZ, 2017).

O Direito Internacional entende como guerra todo o emprego de força das armas por um Estado contra: a. Soberania; b. Integridade territorial e/ou c. Independência política de outro Estado, sendo este movimento rejeitado pela ONU, que exige dos estados-membros a resolução pacífica de suas disputas (D'ANGELIS, 2022; ROUSSEAU, 2019).

Este entendimento é recente, e está contido na Resolução n. 3.314 da Assembleia Geral das Nações Unidas, conforme percebe-se pela leitura do seu artigo 2º, *in verbis*:

O uso da força armada em violação da Carta por um Estado que aja em primeiro lugar constitui, em princípio, prova suficiente de um ato de agressão, ainda que o Conselho de Segurança possa concluir, de acordo com a Carta, que não se justifica determinar que foi cometido um ato de agressão, tendo em conta outras circunstâncias pertinentes, nomeadamente o fato de os atos em questão ou as suas consequências não serem suficientemente graves (UNITED NATIONS, 1974).

CHECHÊNIA

O conflito na Chechênia é a maior demonstração da incapacidade das autoridades russas em relação aos grupos étnicos não dominantes instalados em seu território, com uma rejeição a opção de sua solução negociada com a oposição nacionalista (CAMPBELL; ROSS, 2009).

A autoridade russa sobre as estepes eurasiáticas é o grande fator nas dinâmicas humanas e políticas da região nos últimos seis séculos, e a história da Chechênia pode ser descrita como uma longa e continuada luta de resistência contra o império russo (LIÑÁN, 2005), conforme podemos perceber pelo trecho abaixo colacionado:

(...) a história da Rússia e a sua construção como nação está intimamente ligada ao processo imperial, ao expansionismo e à consolidação de um modelo patrimonialista de administração de coisas e pessoas. (...) A expansão para o Cáucaso é atribuída por historiadores como Pipes à procura de águas quentes, uma razão compatível com a importância geoestratégica da região. Contudo, o choque de interesses com os Impérios Persa e Otomano tornou a presença do Império Russo intermitente entre os séculos XVIII e XIX, e os avanços e recuos foram constantes. A conquista da região costuma ser associada à captura, em 1857 de Shamil, chefe dos Avares que durante anos conseguiu organizar uma resistência conjunta dos diferentes grupos étnicos às inúmeras invasões ao Cáucaso. Mesmo depois da conquista, a região permaneceu difícil de administrar pela resistência ao poder russo e constantes revoltas, difíceis de eliminar devido ao caráter montanhoso da região. No fim da Segunda Guerra Mundial, os chechenos voltaram a revoltar-se contra a dominação russa/soviética e foram acusados de colaboração com a Alemanha nazista. Como muitas outras etnias do Cáucaso, foram sujeitos a deportações para a Ásia Central, onde se estima que um quarto da população tenha morrido. Com o fim do período stalinista foram autorizados a regressar à região de origem, mas as dificuldades do

processo tornaram o problema étnico do Cáucaso Norte ainda mais complexo (FERREIRA; HANNES, 2016, pp. 182-183).

Com a dissolução soviética às elites chechenas iniciaram um movimento secessionista liderado pelo antigo general soviético Jokhar Dudayev, e sua independência foi declarada unilateralmente em 1991, este fato foi determinante à intervenção militar russa que termina em 1994, conhecida como a primeira guerra da Chechênia. O presidente do país, Dzokhar Dudaiev, foi morto por um ataque aéreo russo, sendo sucedido por Aslan Makhadov, durante a Primeira Guerra da Chechênia (HUGHES, 2001).

Após este conflito foi formalizado em maio de 1997 um acordo de paz entre russos e chechenos. A Chechênia conquistou certa autonomia, mas não teve sua independência reconhecida pela Rússia. Ademais a guerra deixou a Chechênia em uma situação caótica, com uma série de grupos rebeldes, muitos de fundamentalistas islâmicos radicalmente separatistas (CAMPBELL; ROSS, 2009; HUGHES, 2001).

Uma série de atentados foi realizada por terroristas chechenos, levando, em setembro de 1999, deu início a Segunda Guerra da Chechênia, desta vez, o conflito foi amplamente apoiado pela população russa. O então primeiro-ministro, Vladimir Putin comandou diretamente o esforço de guerra na Chechênia e viu sua popularidade disparar, sendo eleito presidente no ano seguinte. Em maio de 2000, Vladimir Putin anunciou a restauração do comando russo sobre a Chechênia (HUGHES, 2001; MOTA JÚNIOR, 2013).

Os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 nos EUA serviram de legitimidade internacional para uma sangrenta política intervencionista na Chechênia, impondo pesadas baixas nas guerrilhas rebeldes que continuam atuantes na região (FREIRE, 2005).

TRANSNÍSTRIA

A Transdnístria, chamada oficialmente de República Moldava da Pridnestróvia é uma região autônoma no Leste da Moldávia e encontra-se em permanente foco de tensão e instabilidade, constituindo elemento central no relacionamento bilateral Rússia-Moldávia, desde a adoção, em 1989, de leis que visavam à “desrussificação” da Moldávia, prevendo o estabelecimento do moldavo como a língua oficial do país e a transição do alfabeto cirílico para os caracteres latinos (RIBEIRO, 2016).

Em 1990 foi proposto um referendo e a Transdnístria autoproclamou-se independente, motivado principalmente pelo receio de um processo de unificação da Moldávia com a Romênia, baseada no entendimento de que ambas as comunidades compartilhariam uma ancestralidade étnica dácia-romana em comum. Deve-se salientar que a região constitui apenas 12% do território da Moldávia, mas contém 17% de sua população e gera 35% de todo o rendimento nacional (FREIRE, 2011, RIBEIRO, 2016).

A República da Transnístria também tem sua origem no Rus de Kiev, sendo primeiramente conquistado por Mongóis, passando por domínio de variados impérios até o retorno ao Império Russo no final do Século XVI, integrando em 1924 o Território da República Soviética da Ucrânia e em 1940 passa a integrar a República Soviética da Moldávia, em decorrência do Pacto Molotov-Ribbentrop. Em 1990, ainda durante o governo Soviético, a Transnístria proclama sua independência em relação à Moldávia, e tropas, primeiramente soviéticas, e em 1991, com o fim da URSS, tropas russas ocupam seu território, situação que se estende até os dias de hoje. Em referendo realizado em 2006 a hipótese de integração do território a Federação Russa teve uma vitória maiúscula (COJOCARU, 2006).

O presente conflito se destaca à medida que é o único litígio da região que não se sustenta em pilares étnicos, mas na história compartilhada pelo povo da região, que não se significa

enquanto parte constitutiva da Moldávia e ainda mantém ligação afetiva com símbolos soviéticos (MAKIO, 2019).

A declaração de independência da Transdnístria não obteve reconhecimento majoritário na comunidade internacional, levando a eclosão de uma Guerra Civil em 1992. As tropas transdnístrias, apoiadas fortemente pelo exército russo, derrotaram as forças moldavas, levando a construção de um acordo de paz, definindo uma área de segurança nas margens do Rio Dniestre e o envio de forças de manutenção de paz por tropas russas, moldavas e transdnístrias. O acordo de paz também reconhecia a integridade territorial e da soberania da Moldávia, e a necessidade de definir um *status* especial para a região separatista (FREIRE, 2011).

Com a decisão da Duma Russa de anexação e reconhecimento da Criméia como parte integrante da Federação russa, as autoridades transdnístrias apesaram-se em apresentar pedido para o mesmo reconhecimento de seu território, porém sem ainda nenhum retorno positivo por parte do Kremlin (FRANCO, 2015).

ABKÁZIA E OSSÉTIA DO SUL

Desde 1990 a Rússia garante autonomia às Repúblicas da Abkházia e da Ossétia do Sul³, apesar das reiteradas reivindicações sobre estes territórios por parte da Geórgia, em resposta a sua tentativa de ingresso na Organização e de sua proximidade ao governo Norte-americano, especialmente após a chamada Revolução Rosa, em novembro de 2003, que culminou com o afastamento da presidência de Eduard Shevardnadze (BANDEIRA, 2013; DUARTE, 2022; QUADROS; MACHADO, 2015).

As tensões na Abkházia e Ossétia do Sul escalaram em 2004, com a eleição do presidente Saakashvili, que propôs diálogo e autonomia para as províncias rebeldes, mas no contexto de um só Estado, o da Geórgia. Porém a pressão pela independência completa somente tomou corpo em 2006, quando um referendo extraoficial recolheu a vontade da maioria esmagadora da população de dar fim da união com Tbilisi (CHAVES; SCHURSTER, 2009).

A OTAN considerou, ainda em 2008, admitir Geórgia e Ucrânia à Organização em uma declaração percebida como uma ameaça direta aos interesses do Kremlin no “exterior próximo”, afirmando “a Ucrânia se tornará membro da Aliança”, isso em meio a realização de exercícios conjuntos com a Polônia, Estados Bálticos, Romênia e Bulgária (COOPER; SCHMITT, 2022; TANGREDI, 2013, TROIANOVSKI, 2021). O movimento de inclusão da Geórgia e da Ucrânia foi abortado devido a contrariedade demonstrada pela então Chanceler Alemã Angela Merkel e pelo então Primeiro-Ministro Francês Nicolas Sarkozy, ambos reforçando a posição de veto apresentado pelo governo turco sob argumento que nenhum dos dois pretendentes ao ingresso eram democracias estáveis (SANTIESTEBAN, 2017). Esta tentativa de ingresso foi determinante para Rússia a reconhecer a independência das províncias rebeldes em agosto de 2008 (POLETTI, 2007).

NAGORNO-KARABAKH

A região de Nagorno-Karabakh foi subordinada à Rússia pelo Tratado de Kurekchay de 1805. Este *status* foi reforçado em 1813 pelo Tratado de Paz do Gulistan. Já no primeiro terço do século 19, em decorrência dos Tratados de Turkmenchay e Edirne, iniciou-se a colocação artificial de armênios reassentados do Irã e da Turquia começou no norte do Azerbaijão, inclusive em Karabakh (MEDINA, JIMÉNEZ, 2011).

³ A invasão das tropas russas a estes territórios ocorreu horas antes da visita da então Secretária de Estado Norte-americana Condoleezza Rice a Tbilisi (BANDEIRA, 2013).

Nagorno-Karabakh foi estabelecida como uma região autônoma no interior do território do Azerbaijão pela URSS em 1921, por decisão do Gabinete Caucasiano do Comitê Central do PCR, Nagorno-Karabakh foi incluído na República Socialista Soviética do Azerbaijão com base em ampla autonomia, apesar da população daquela área era de 95% de armenos cristãos. Apesar desta composição étnica, a região manteve-se estável até a dissolução da URSS, quando eclodiu uma guerra civil entre armenos e azeris para o controle da área (FIGUEIREDO, 2022; RUBIN, 2020).

Em 1988, ainda durante a era soviética, o *oblast* de Nagorno-Karabach solicitou permissão de Gorbachev para separar-se da República Socialista Soviética (RSS) do Azerbaijão e juntar-se ao RSS armênio (TOLOLYAN, 2007), fato negado em consideração a determinação do texto da Constituição Soviética vigente, que vetava uma nova definição de fronteiras entre estados membros, conforme percebemos pelo trecho abaixo colacionado:

Art. 78. O território de uma República da União não poderá ser alterado sem o seu consentimento. As fronteiras entre as Repúblicas da União podem ser alteradas por acordo mútuo das Repúblicas em questão, sujeito à ratificação pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (UNIÃO DAS REPÚBLICAS SOCIALISTAS SOVIÉTICAS, 1977).

Esse conflito evoluiu para Primeira Guerra de Nagorno-Karabakh, iniciada em 1992, teve fim em 1994, com a vitória da Armênia e a declaração de um Estado independente, a República de Artsakh, conforme estabelecido no Protocolo de Bishkek (EIRIZ, 2022).

Mesmo com a decretação de cessar fogo, novos confrontos militares surgem regularmente desde 2010, até que em 23 de setembro de 2020, uma ofensiva de grande escala foi lançada por tropas do Azerbaijão, naquela que foi denominada como a “Segunda Guerra de Nagorno-Karabakh”. Este conflito se estende por 44 dias e resultou em vitória azeri, que retornou cerca de um terço do território em litígio, e o desdobramento de uma força de paz russa para estabilizar a região (EIRIZ, 2022; PEIXOTO, 2021).

O atual governo Armênio é “pró-Occidente”, contrariando uma postura russófila da maioria dos governos armênios desde o fim da URSS, porém mesmo os críticos da russofilia entendem que as relações com Moscou são questão de sobrevivência para a república armênia, espremida entre dois vizinhos maiores, mais poderosos e rivais históricos, Turquia e Azerbaijão (FIGUEIREDO, 2022).

A busca europeia por novos fornecedores de gás natural em função dos embargos russos levou a presidente da Comissão Europeia, Ursula Von der Leyen, para a assinatura de acordos em Baku com o presidente Azeri Ilham Aliyev que buscam dobrar a capacidade de exportação deste produto para o continente europeu até o ano de 2027. A certeza de que as divisas europeias iram financiar novas agressões do Azerbaijão a sua vizinha Armênia, escalando um conflito até então restrito a Nagorno-Karabakh (FIGUEIREDO, 2022).

TADJIQUISTÃO

O Tadjiquistão possui, desde o fim da URSS uma disputa territorial com a também ex-República Soviética do **Quirguistão**, em particular no que diz respeito à divisão do fértil vale de Fergana (também disputada pelo Uzbequistão). Porém mais de um terço da fronteira entre estes dois países é alvo de disputa, especialmente a área ao redor do território tadjique de Vorukh (MELLO, 2015).

As fronteiras entre os dois países foram delimitadas por Josef Stalin, no século passado, sem atentar para o alinhamento com a distribuição cultural e social dos habitantes. Além destas

questões o conflito ainda envolve disputa por recursos, hídrico, utilizado para a irrigação de terras (SANTOS, 2021).

Além do mais, a Aliança do Norte⁴ passou a contar com uma importante base de apoio no Tadjiquistão, servindo de ponto de cobrança sobre carregamento de ópio que circulam pela região em direção ao Uzbequistão e Tadjiquistão. Esses valores são convertidos em armamentos provenientes da Rússia e do Irã, tornando a região ainda mais explosiva (VIANNA, 2011).

CRIMEIA

A península da Crimeia também foi uma região que sofreu com invasões e anexações de diversos impérios. Sua história começa no Rus de Kiev. Após ser conquistada pelos mongóis, essa confederação eslava, que existiu até o início do século XIII, desmembrou-se e já no século XV foi estabelecida como o Canato da Crimeia, que em 1475 tornou-se um protetorado do Império Otomano, só em 1783 o Canato da Crimeia foi anexado ao imenso Império Russo, mesmo ano em que a Frota do Mar Negro é criada pela imperatriz Catarina, A Grande, que estabelece a base da frota na cidade de Sevastopol (GLOBAL SECURITY, 2016).

Com a criação da URSS em 1922, a Crimeia foi incluída ao bloco na condição de República Autônoma Socialista Soviética da Crimeia sob responsabilidade da República Socialista Federativa Soviética da Rússia. O Kremlin forçou uma grande migração de população russa para região, uma vez que a população tártara da Crimeia, que era uma maioria étnica da região, teve uma postura pró-nazista durante a Segunda Guerra Mundial e foi gradativamente expulsa da província.

Em 19 de fevereiro de 1954, o Soviete Supremo transferiu a responsabilidade sobre a República Autônoma Socialista Soviética da Crimeia da Rússia Soviética para a República Socialista Soviética da Ucrânia, e é justamente essa decisão, que originou os conflitos e tensões modernas (CURTIS, 1998; PEREIRA, 2016; TRONENKO, 2016), conforme se percebe pela declaração de Vladimir Putin.

Quando se trata do destino histórico da Rússia e de seus povos, os princípios de desenvolvimento do Estado de Lenin não foram apenas um erro; foram piores que um erro, como diz o ditado. Isso ficou patente após a dissolução da União Soviética em 1991. Então, comecei com o fato de que a Ucrânia moderna foi inteiramente criada pela Rússia ou, para ser mais preciso, pelos bolcheviques, a Rússia comunista. Esse processo começou praticamente logo após a revolução de 1917, e Lenin e seus associados o fizeram de uma maneira extremamente dura para a Rússia – separando, cortando o que historicamente é terra russa. Ninguém perguntou aos milhões de pessoas que vivem lá o que eles pensavam. Então, tanto antes como depois da Grande Guerra Patriótica, Stálin incorporou na URSS e transferiu para a Ucrânia algumas terras que antes pertenciam à Polônia, Romênia e Hungria. No processo, ele deu à Polônia parte do que era tradicionalmente terra alemã como compensação e, em 1954, Khrushchev tirou a Crimeia da Rússia por algum motivo e também a deu à Ucrânia. Com efeito, foi assim que se formou o território da Ucrânia moderna (...). Não estou tentando colocar a culpa em ninguém. A situação do país naquela época, tanto antes como depois da Guerra Civil, era extremamente complicada; foi crítico. A única coisa que gostaria de dizer hoje é que foi exatamente assim. É um fato histórico (PUTIN, 2021).

⁴Aliança do Norte, oficialmente Frente Islâmica Unida para a Salvação do Afeganistão é uma organização político-militar criada pelo Estado Islâmico do Afeganistão em 1996, com o fim de unir diversos grupos que vinham combatendo uns aos outros para lutarem juntos contra o Talibã (SYMON, 2001).

Em 1992 essa esquadra foi dividida entre a Rússia e a nascente Marinha da Ucrânia. Para os russos surgira um complicador, uma vez que a saída de sua força naval para mares quentes via Mediterrâneo, evidente interesse vital, passara ao controle de outra potência. Após a implosão da URSS, a península passou a integrar a recém-independente Ucrânia com o nome de República da Crimeia, posteriormente alterado para República Autônoma da Crimeia, status que lhe permitia executivo e parlamento próprios, apesar de somente integrar território ucraniano do ponto de vista jurídico e formal. Bastaria à Rússia empregar seu poder para reintegrá-la à Federação, retomar o controle absoluto sobre a península e, assegurar interesse vital no Mar Negro, como foi realizado com sua anexação em 2014 (CASTRO, 2014).

DONBASS

Donbass é uma bacia hidrográfica e que abarca uma região histórica, cultural e geográfica do extremo leste da Ucrânia e sudoeste da Rússia marcada pelo curso do rio Donets. Trata-se de uma região densamente povoada, com destaque para as cidades de Donetsk e Lugansk (GRAGG, 2013).

Em função do resultado de protestos da oposição pró-ocidente na Ucrânia e de uma troca de liderança em Kiev⁵, as autoproclamadas Repúblicas Populares de Donetsk e Lugansk, declararam independência de Kiev em abril de 2014, depois que milícias apoiadas pela Rússia tomaram o controle de sedes do governo local e outras infraestruturas, em movimento coordenado com a ocupação russa da **Crimeia** por Moscou. Grande parte da população da região, que abriga mais de 3 milhões de pessoas, fala a língua russa e desde então tem recebido grandes quantidades de assistência financeira, humanitária e militar do Kremlin, uma vez que estes dois territórios juntos são considerados como “*Novorossyia*”⁶ (Nova Rússia), um termo revivido para o território do sul da Ucrânia conquistado pelo império russo no século XVII, e simboliza a reconstrução da Rússia como superpotência militar, estabelecendo suas zonas de influência (FOY, 2022; MARSHALL, 2018).

França e Espanha mediarão um cessar-fogo, em documento que ficaram conhecidos como Acordos de Minsk, reconhecendo autonomia dos separatistas de cerca de um terço dos distritos administrativos ucranianos de Donetsk e Lugansk, com uma linha de controle pesadamente fortificada separando-os das tropas ucranianas (FOY, 2022).

O reconhecimento unilateral de um país abre espaço para o estabelecimento de relações diplomáticas, militares e econômicas formais entre os países que reconhecem aquele dado Estado, conforme determina a doutrina de Direito Internacional, permitindo o estabelecimento de uma burocracia civil e militar própria que passará a comandar territorialmente aquela região, viabilizando um processo de estreitamento de laços de cooperação, facilitando o trânsito de civis e militares e aumentando a simbiose de interesses político estratégicos entre a Rússia e as populações locais no Donbass, conforme se percebe pela reflexão de MARQUES (2022).

Vladimir Putin anuncia ao mundo que seu apoio à região ocorrerá agora na forma de relações institucionalizadas e contínuas, com delegados abertamente participando de atividades de cooperação civil e militar mútuas. Isso significa dizer também que equipamento militar e tropas poderão transitar com bandeira russa para os territórios sob a sigla da “Cooperação Técnico-militar”, jargão diplomático-militar usualmente

⁵ Optou-se pela grafia Kiev, e não a Kyiv, como reivindicado pelo governo ucraniano, em função desta ser grafia reconhecida pelo governo brasileiro, conforme pode ser percebido em consulta do site do Ministério das Relações Exteriores, onde consta Embaixada do Brasil em Kiev. Disponível em: kiev.itamaraty.gov.br/pt-br/. Acesso em: 28 jan. 2023.

⁶ Designação geográfica para regiões da Ucrânia conquistadas ao longo do século XVIII, percorrendo a costa do Mar Negro até o Oeste de Odessa (LARUELLE, 2014).

empregado pela burocracia russa em acordos de adestramento de militares e venda de tecnologia ou *voennaya tekhnika*, em russo (MARQUES, 2022).

Ao reconhecer a independência das Províncias separatistas, Putin negou que a Rússia estivesse ameaçando a Ucrânia. Em vez disso, disse ele, a Rússia estava simplesmente tomando “medidas militares e técnicas adequadas” para responder à crescente atividade da OTAN dentro e ao redor da Ucrânia, perto das fronteiras russas, alertando ainda que a implantação de mísseis na Ucrânia seria um ato de agressão passível de resposta imediata (TROIANOVSKI, 2021).

Este reconhecimento, bem como a anexação da Crimeia, atendia ainda outro objetivo distinto. Com o reconhecimento da autonomia das Repúblicas do Donbass a Rússia adquiria um direito de veto sobre a direção-geral da Ucrânia, impedido sua aproximação com a OTAN e UE, o que de fato não ocorreu (D’ANIERI, 2022).

A invasão da Ucrânia durante o mês de fevereiro de 2022, ocorreu como uma resposta a aproximação da Ucrânia, chamada por Putin de estado nazista (PUTIN, 2022), com a OTAN. Porém, a invasão não se limitou a ocupar região do Donbass, levando as tropas russas a cercarem a Capital Kiev, num ato classificado por Martin Wolf (2022a) como “o pior ato de agressão em território europeu desde 1945”, levando o quase centenário Henry Kissinger a sugerir, durante a 51ª edição do Fórum Econômico Mundial de Davos, que a Ucrânia deveria aceitar a cedência de parte de seu território para viabilizar a paz: “espero que os ucranianos correspondam ao heroísmo que demonstraram com sabedoria” (KISSINGER in BELLA, 2022).

Da mesma forma, Moscou respondeu à deposição do Presidente Ucraniano pró-Rússia Viktor Yanukovich e a ascensão do pró-ocidente Petro Poroshenko, instigando uma guerra separatista no leste da Ucrânia e com a ocupação e anexação da Província da Crimeia, garantindo a Rússia de um porto de águas mornas⁷ e um território com cerca de sessenta por cento da população “eticamente russa”, sem qualquer medida hostil por parte do mundo ocidental, limitado a eventuais embargos comerciais. Esta anexação contrariou ainda frontalmente o Memorando de Budapeste, através do qual, em troca do arsenal nuclear soviético em poder da Ucrânia a Rússia reconhecia e prometia respeitar a integridade territorial da Ucrânia (FERREIRA, 2016; JANK; SOENDERGAARD; COSTA, 2022; LANDLER, 2022; MARSCHALL, 2018).

Restando frustrado o primeiro intento russo de uma vitória rápida o Kremlin buscou consolidar seu controle das Repúblicas Separatista de Donetsk e Lugansk e, através de um referendo amplamente questionado pelos países membros da OTAN, anexou não somente estas duas repúblicas, mas também os territórios de Kherson e Zaporizhzhia (BARINI, 2022; JOHNSON, 2022), num movimento já antecipado pelo Chanceler Russo, Sergey Lavrov, afirmou, em entrevista para imprensa estatal RIA Novost, que os interesses militares do Kremlin na Ucrânia não se limitam a região do Donbas, composta pelos territórios de Lugansk e Donetsk, indicando o interesse russo nas regiões Kershon e Zaporizhzhia (NECHEPURENKO, 2022).

OTAN E PROXY WARS

Apesar de não participar diretamente do conflito a OTAN têm fornecido ajuda militar para a Ucrânia, reeditando o programa do *Lend-lease*⁸, modelo em que os norte-americanos participaram do esforço militar da Segunda Guerra Mundial antes do ataque de Pearl Harbor, porém mantendo uma falsa postura de neutralidade.

⁷Os portos de São Petesburgo, Arkhangelsk, e Vladvostok ficam congelados por cerca de 4 meses por ano (AMAL, 2017; MEARSHEIMER, 2014).

⁸*Land-lease* foi o programa através de qual os EUA forneceram armas e outros suprimentos aos países aliados antes do ingresso norte-americano na Segunda Guerra Mundial. Este auxílio se formou em suporte de inestimável valia para sustentar o esforço de guerra soviético (MUNHOZ, 2020).

Entretanto, vazamentos vindos de autoridades norte-americanas afirmam que sua inteligência forneceu informações sobre as unidades russas que permitiu aos ucranianos atacar e matar muitos dos generais de Moscou que morreram em ação no conflito. Estas mesmas fontes colocam agentes militares na operação de localização e afundamento da nau capitânia Russa Moskva, o principal navio de guerra da frota russa no mar Negro, demonstrando que o conflito russo é um conflito por procuração (*proxy wars*), assim denominadas as guerras fomentadas e subvencionadas por potência externa (no caso a OTAN) sem envolvimento direto no confronto (CIMBALA, 2004; FRIEDMAN, 2022).

Os conflitos por procuração marcaram o período de guerra fria, onde as grandes potências envolveram-se em todos os acontecimentos que ocorreram na sua vigência, porém sempre usando terceiros como substitutos. Marcadamente os conflitos do Sudeste Asiático, na África Austral, no Médio Oriente e América Central (LOVEMAN, 2002; MILLER, 2007).

A preocupação de entrada da Ucrânia na UE é tão presente no Kremlin quando seu ingresso na OTAN, uma vez que pode criar o exemplo de um estado eslavo bem-sucedido economicamente, adotando o livre mercado e a democracia. Esse medo decorre do fato de Putin ter passado grande parte de sua carreira na Alemanha, e assistiu ao colapso da Alemanha Oriental, que caiu nos braços da Alemanha Ocidental, que oferecia uma melhor qualidade de vida (VANCONCELOS; TURRER, 2022).

Para se reposicionar no tabuleiro da geopolítica mundial o Kremlin exhibe um poderoso trunfo, que é a Organização para Cooperação de Xangai, uma organização política, econômica e militar da Eurásia, fundada em 2001 em Xangai pelos líderes da China, Cazaquistão, Quirguistão, Rússia, Tajiquistão e Uzbequistão. Recentemente tem se buscado uma aproximação militar e geopolítica com a China onde “ambas as partes se opõem a uma expansão da OTAN e pedem que a aliança do Atlântico Norte abandone suas abordagens ideológicas da Guerra Fria” (FEDERAÇÃO RUSSA, 2022).

Essa aproximação chinesa ocorre menos por proximidade ideológica, motivado pelo receio que após a adesão da Ucrânia as atenções da Aliança direcionem-se a situação de Taiwan, sendo a China alvo de novas sanções financeiras (AMARAL, 2022, DAVIES, 2022), uma vez que se entende que se trata de uma “disputa pela hegemonia entre os Estados Unidos e a República Popular da China, ou, (...) entre o Ocidente capitalista desenvolvido (porém estagnado) e o Oriente capitalista dinâmico, mas ainda subdesenvolvido” (GUIMARÃES, 2013, p.18).

A China compartilha com Putin o sentimento que aquilo que é tolerado para os EUA, principalmente as ingerências militares nos países soberanos, para a Rússia e China é algo condenado, e devem, em função da incapacidade russa de substituir as importações industriais e tecnológicas posteriormente ao bloqueio ocidental, desenvolver relações comerciais cada vez mais assimétricas (ALENCASTRO *et al.*, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho pretendeu descrever os principais conflitos territoriais entre ex-repúblicas soviéticas, hibernados durante o período da URSS e que eclodiram com a sua dissolução.

Acreditamos que o presente trabalho enfrentou os objetivos propostos, detalhando os principais pontos de tensão entre as antigas repúblicas integrantes da URSS.

Em que pese o objeto do presente trabalho tenha sido o de retratar eventos pretéritos, e não criar prognósticos futuros, entendemos que seria importante, em estudos futuros, analisar os impactos da política agressiva de enfrentamento da Rússia com a OTAN e uma conseqüente aliança sino-russa e seus impactos futuros na geopolítica mundial.

Desta forma os impactos econômicos que o Brasil poderá colher da aproximação com o bloco sino-russo, ou ainda de maior convergência com o bloco representado pelos aliados da OTAN constitui-se também em objeto para estudos futuros.

No mesmo campo ainda pode-se dedicar-se a analisar os cenários possíveis para o bloco europeu superar a dependência energética russa, em especial do gás natural, verificando se a retórica europeia de democracia e respeito aos Direitos Humanos será aplicado na seleção dos novos parceiros.

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Mathias et al. É Mais Complicado do que Isso, Demétrio. Folha de São Paulo, 02 ago. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/08/e-mais-complicado-do-que-isso-demetrio.shtml>. Acesso em: 24 jan. 2023.
- AMAL, Victor Wolfgang Kegel. A intervenção russa na guerra da Ucrânia (2014): raízes históricas do novo dilema geopolítico europeu. XXIX Simpósio Nacional de História, Brasília: UNB, pp. 1-15, 2017.
- AMARAL, Sérgio. Roda Viva. São Paulo: Fundação Padre Anchieta (TV Cultura), 21 fev. 2022 (93 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QITRVo97y0c>. Acesso em: 05 fev. 2023.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. A Segunda Guerra Fria: Geopolítica e Dimensão Estratégia dos Estados Unidos: das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio. 1. ed., 2013, 849 p. Kindle edition.
- BARINI, Filipe. Oferta para Constar: Putin faz Anexações e se diz Pronto a Negociar Paz, mas sem ceder Território. O Globo, 01 out. 2022, p. 18.
- BELLA, Timothy. Kissinger says Ukraine should cede territory to Russia to end war. The Washington Post, 24 mai. 2022. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/2022/05/24/henry-kissinger-ukraine-russia-territory-davos/>. Acesso em: 30 jan. 2023.
- BERTONHA, João Fábio. Rússia – Ascensão e Queda de um Império: Uma História Geopolítica e Militar da Rússia, dos Czares ao Século XXI. Curitiba: Juruá, 2010.
- CAMPBELL, Adrian; ROSS, Cameron. Federalism and local politics in Russia. Londres: Routledge, 2009, 322 p.
- CASTRO, Paulo Cesar de. A Crimeia e o Poder. Doutrina Militar Terrestre em Revista, pp. 32-39, jul. 2014.
- CHADE, Jamil. Rússia exige que armas nucleares dos EUA na Europa sejam retiradas. UOL Notícias, 01 mar. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2022/03/01/russia-exige-que-armas-nucleares-dos-eua-na-europa-sejam-retiradas.htm>. Acesso em: 02 fev. 2023.
- CHAVES, Daniel; SCHURSTER, Karl. Soberania Nacional no Pós-Guerra Fria: a Ossétia do Sul em questão. Intellector, ano V, Vol. V, n. 10. Pp. 01-10, jun. 2009.
- CIMBALA, Stephen J. The Politics of Warfare: The Great Powers in the Twentieth Century. Penn State University Press, 2004, 256 p. Kindle edition.
- CLAUSEWITZ, Carl Von. Da Guerra (Portuguese Edition). VMF Martins Fontes, 2017, 1075 p. Kindle edition.
- COJOCARU, Natalia. Nationalism and Identity in Transnistria. The European Journal of Social Science Research, vol. 19, n. 3, pp. 261-272, 2006.
- COOPER, Helene; SCHMITT, Eric. Biden Weighs Deploying Thousands of Troops to Eastern Europe and Baltics. New York Times, 22 jan. 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/01/23/us/politics/biden-troops-nato-ukraine.html>. Acesso em: 24 jan. 2023.
- CRAGG, Gulliver. The Coal-mining Racket Threatening Ukraine's Economy. BBC News, 24 abr. 2013. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-22170976>. Acesso em: 06 fev. 2023.

CURTIS, Gleen. *Russia: a country study*. Washington, DC: Federal Research Division of the Library of Congress, 1998, 1 ed.

D'ANIERI, Paul. *Ucrânia e Rússia: dos Acordos de Minsk à invasão de 2022*. In: LOUREIRO, Felipe (org.). *Linha vermelha: a guerra da Ucrânia e as relações internacionais do século XXI*. Campinas: Editora da UNICAMP, pp. 69-85, 2022.

DAVIES, Howard. *Sanções mudarão o sistema financeiro? Valor Econômico*, 02 mai. 2022, p. A15.

DUARTE, Érico Esteves. *Similaridades e diferenças entre as guerras russas do pós-guerra fria*. In: LOUREIRO, Felipe (org.). *Linha vermelha: a guerra da Ucrânia e as relações internacionais do século XXI*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2022, pp. 143-166.

EIRIZ, Qema George Koppe. *O conflito de Nagorno-Karabakh de 2020: Lições apreendidas para a defesa antiaérea do Século XXI*. *Informativo Antiaéreo: Publicação científica*, n. 13, pp. 153-163, 2022.

FEDERAÇÃO RUSSA. *Gabinete do Presidente. Joint Statement of the Russian Federation and the People's Republic of China on the International Relations Entering a New Era and the Global Sustainable Development*. 04 fev. 2022. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/supplement/5770>. Acesso em: 24 jan. 2023.

FERREIRA, Carlos Enrique Ruiz. *A Intervenção Militar da OTAN na Iugoslávia como um ponto de inflexão no Quadro das Relações Internacionais Pós-Guerra Fria: Dois Coelho numa Cajadada Só: O Desrespeito ao Direito Internacional e o Soterramento de uma Segurança Pública Independente*. *Revista Brasileira de Estudos Estratégicos*, v. 1, pp. 44-66, 2009.

FERREIRA, José Medeiros. *Um discurso histórico? Diário de Notícias*, 20 fev. 2007. Disponível em: <https://www.dn.pt/arquivo/2007/um-discurso-historico-653094.html>. Acesso em: 27 jan. 2023.

FERREIRA, Marcos Farias; HANNES, Miguel. *Como treinar o teu dragão: Vladimir Putin e o modelo checheno de contra-insurgência*. *Fortaleza: Tensões Mundiais*, v. 11, n. 21, pp. 169-198, 2015.

FIGUEIREDO, Filipe. *Azerbaijão x Armênia: guerra, gás natural e democracia*. *Gazeta do Povo*, 16 dez. 2022. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/filipe-figueiredo/azerbaijao-x-armenia-guerra-gas-natural-e-democracia/>. Acesso em: 21 jan 2023.

FOY, Henry. *Why has Putin got Ukraine's separatist regions of Donetsk and Lugansk in his sights?* *Financial Times*, 21 fev. 2022. Disponível em: <https://www.ft.com/content/a87bdc20-94a9-4be8-b92c-f2dba7ab1b76>. Acesso em: 24 jan. 2023.

FRANCO, Lívia. *Sem degelo na Transnístria*. *Janus Anuário*, pp. 74-75, 2015.

FREIRE, Maria Raquel. *Compromissos e interesses: contradições na relação OSCE-Rússia e o caso da Chechênia*. *Política Internacional*, n. 27, pp. 66-92, 2005.

_____. *A Rússia de Putin: vectores estruturantes de política externa*. Coimbra: Almedina, 2011.

FRIEDMAN, Thomas Loren. *The War Is Getting More Dangerous for America, and Biden Knows It*. *The New York Times*, 06 mai. 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/05/06/opinion/biden-ukraine-leaks.html>. Acesso em: 28 jan. 2023.

GLOBAL SECURITY. *Black Sea Fleet*. 2016. Disponível em: <https://www.globalsecurity.org/military/world/russia/mf-black.htm>Y, Andrew S. *Os Níveis da Guerra como Níveis de Análise*. *Military Review*, tomo 77, n. 1, pp. 81-88, 2022.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. *Prefácio*. In: BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. *A Segunda Guerra Fria: Geopolítica e Dimensão Estratégia dos Estados Unidos: das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio?* 1. ed., 2013, pp. 17-29. Kindle edition.

HANSEN, Flemming Splidsboel. *Russia's relations with the West: ontological security through conflict*. *Contemporary Politics*, v. 22, n. 3, pp. 01-17, 2016.

HILL, Fiona; STENT, Angela. *The World Putin Wants: How Distortions About the Past Feed Delusions About the Future*. *Foreign Affairs*, set. 2022. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/russian-federation/world-putin-wants-fiona-hill-angela-stent>. Acesso em: 06 fev. 2023.

HUGHES, James. *Chechnya: from nationalism to jihad*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2007.

- JANK, Marcos Sawaya. SOENDERGAARD, Niels. COSTA, Cinthia Cabral da. A Ucrânia e a nova geopolítica do agr global. *Valor Econômico*, 18 fev. 2022, p. A17.
- JOHNSON, Simon. Putin avança e a Europa hesita. *Valor Econômico*, 04 out. 2022, p. A15.
- LANDLER, Mark. Britain Says Moscow is Plotting to Install a Pro-Russian Leader in Ukraine. *New York Times*, 22 jan. 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/01/22/world/europe/ukraine-russia-coup-britain.html>. Acesso em: 28 jan. 2023.
- LARUELLE, Marlene. The three colors of Novorossiya, or the Russian nationalist mythmaking of the Ukrainian crisis. *Post-Soviet Affairs*, 32 (1), 2014, pp. 55-74.
- LIÑÁN, Miguel Vázquez. *Desinformación y propaganda en la guerra de Chechenia*. Sevilla: Padilla Libros, 2005, 86 p.
- LOVEMAN, Chris. Assessing the phenomenon of proxy intervention. *Journal of Conflict, Security and Development*, vol. 2, ed. 3, pp. 29-48, 2002.
- MAGNOLI, Demétrio. O império que não quer cair. *Folha de São Paulo*, 11 fev. 2022 (a). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/demetriomagnoli/2022/02/o-imperio-que-nao-quer-cair.shtml>. Acesso em: 29 jan. 2023.
- _____. Stalingrado, versões de uma batalha. *Folha de São Paulo*, 19 ago. 2022 (b). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/demetriomagnoli/2022/08/stalingrado-versoes-de-uma-batalha.shtml>. Acesso em: 29 jan. 2023.
- MANKOFF, Jeffrey. *Russian foreign policy: the return of great power politics*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2009.
- MAKIO, Danielle Amaral. *Europe's Black Hole: Identidade e (In)Existência na Transnístria*. 2019. 102 f. Monografia (graduação) – Universidade Federal de Uberlândia.
- MARQUES, Ismael Deus. O discurso de Putin e o dilema de segurança na Bacia do Don. *Estadão*, 23 fev. 2022. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/2022/05/24/henry-kissinger-ukraine-russia-territory-davos/>. Acesso em: 28 jan. 2023.
- MARSHALL, Tim. *Prisioneiros da geografia: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global*. Zahar, 1, ed., 2018, 258 p. Kindle edition.
- MAZAT, Numa. SERRANO, Franklin. A Geopolítica das Relações entre a Federação Russa e os EUA: da “Cooperação” ao Conflito. *Rio de Janeiro: Oikos*. v. 10, n. 2, 2011, pp. 5-35.
- MEARSHEIMER, John J. Why the Ukraine crisis is the West's fault: the liberal delusions that provoked Putin. *Foreign Affairs*, out. 20.
- MEDINA, Luis Andrés Bárcenas; JIMÉNEZ, José Ángel López. *Los conflictos congelados de la antigua Unión Soviética*. Madrid: Ministerio de Defensa: Dirección General de Relaciones Institucionales; Universidad Carlos III de Madrid: Instituto de Estudios Internacionales y Europeos “Francisco de Vitoria”, 2011, 288 p.
- MELLO, Guilherme. *Fragilidade na Ásia Central: a instabilidade da política securitária no Quirguistão e Tajiquistão*. *Boletim Mundorama*, 13 jul. 2015.
- MIELNICZUK, Fabiano. Identidade como fonte de conflito: Ucrânia e Rússia no pós-URSS. *Contexto Internacional*, pp. 223-258, jun. 2016.
- MILLER, Benjamin. *State, Nations and the Great Powers: The sources of regional war and peace (Estudos de Cambridge em Relações Internacionais)*. Cambridge: Cambridge University, 2007.
- MOTA JÚNIOR, Vidal Dias da. Crônicas do Cáucaso: As Guerras da Chechênia. *Revista de Estudos Universitários*, v. 39, n. 2, 2013.
- MUNHOZ, Sidnei José. *Guerra Fria: história e historiografia*. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020, 313 p.
- NECHEPURENKO, Ivan. Russia's territorial aim in Ukraine have expanded the foreign minister says. *New York Times*, 20 jul. 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/live/2022/07/20/world/ukraine-russia-war#russia-ukraine-territory-expansion-lavrov>. Acesso em: 21 jan. 2023.

- PEIXOTO, Gabriel Rodrigues. Sob a névoa das montanhas: Integração regional e conflito em Nagorno-Karabakh. *Revista de Geopolítica*, v. 12, n° 1, pp. 18-32, jan./mar. 2021.
- PEREIRA, Heider Tardelli Nunes. O conflito entre a autodeterminação dos povos e a integridade territorial dos estados nos casos de secessão: Um estudo sobre a Crimeia. 2016.
- PICCOLLI, Larlecianne. O significado da interação entre política interna e externa para a (re) formação da Rússia Imperial. 2010. 137 f. Monografia (graduação) -Faculdade América Latina.
- PLOKHY, Serhii. O último império: os últimos dias da União Soviética. São Paulo: Leya, 2015. Kindle edition.
- POLETO, Ricardo dos Santos. Geórgia: os sintomas do Cáucaso entre a Rússia e o ocidente. *Meridiano* 47, n. 85, pp. 10-13, ago. 2007.
- PUTIN, Vladimir Vladimirovitch. On the histórica Unity of Russian and Ukrainians. Kremlin, 21 jul. 2021. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/66181>. Acesso em: 28 jan. 2023.
- _____. Vladimir Putin's Televised Address on Ukraine. 24 fev. 2022. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2022-02-24/full-transcript-vladimir-putin-s-televised-address-to-russia-on-ukraine-feb-24>. Acesso em: 02 fev. 2023.
- QUADROS, Marcos Paulo dos Reis; MACHADO, Lauren. A Rússia e o Exterior Próximo: Potencialidades e Entraves para um Projeto de Grande Potência. *BJIR, Marília*, v. 4, n. 3, p. 582-607, set/dez. 2015.
- RIBEIRO, Renata Corrêa. Assimetrias da política externa russa para a Crimeia e a Transnístria. *Belo Horizonte: Conjuntura Internacional*, v.13 n.2, p.102-110, nov. 2016.
- ROUSSEAU, Dominique. Radicalizar a democracia: proposições para uma refundação. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2019, 190 p.
- RUBIN, Uzi. The Second Nagorno-Karabakh War: a Milestone in Military Affairs. The Begin-Sadat Center for Strategic Studies. *Mideast Security and Policy Studies* n. 184. Ramat Gan, dez. 2020, 17 p.
- SANTIESTEBAN, Orisel Sierra. La política interna y exterior de Alemania con Angela Merkel. *Política Internacional*, n. 26, pp. 63-80, 2007.
- SANTOS, Jonathan Christian Dias dos. Novas fronteiras mundiais e as teicopolíticas na Ásia Central: O caso entre Quirguistão e Tadjiquistão. *Revista de Geopolítica*, v. 12, n. 3, pp. 47-61, set. 2021.
- SYMON, Fiona. Afghanistan's Northern Alliance. *BBC News*, 19 set. 2001. Disponível em: http://news.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/1552994.stm. Acesso em: 06 fev. 2023.
- TANGREDI, Sam. *Anti-access warfare: countering A2/AD strategies*. Maryland: Naval Institute Press, 2013.
- TROIANOVSKI, Anton. Putin and West Spar Over NATO's Military Ties to Ukraine. *New York Times*, 01 dez. 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/12/01/world/europe/putin-nato-russia-ukraine.html>. Acesso em: 30 jan. 2023.
- TRONENKO, Rostyslav. Ucrânia: luta pelo direito de escolher seu destino, pela sua soberania e integridade territorial. *Universitas Relações Internacionais*, Brasília, v. 14, n. 1, p. 103-115, jan./jul. 2016.
- TSYGANKOV, Andrei. Finding a Civilisational Idea: "West," Eurasia," and "Euro-East" in Russia's Foreign Policy. *Geopolitics*, v. 12, n. 3, pp. 375-399, 2007.
- UNITED NATION. Resolution 3.314 (XXIX). Definition of Aggression. General Assembly, Twenty-ninth session, 14 dez. 1974. Disponível em: <http://www.un-documents.net/a29r3314.htm>. Acesso em: 04 fev. 2023.
- TOLOLYAN, Khachig. Autodeterminação nacional e os limites da soberania: Armênia, Azerbaijão e a secessão de Nagorno-Karabagh. *Nacionalismo e Política Étnica*, vol. 1, pp. 86-110, 1995.
- UNIÃO DAS REPÚBLICAS SOCIALISTAS SOVIÉTICAS. Constitution (Fundamental Law) of The Union of Soviet Socialist Republics. 07 out. 1977. Disponível em: <http://www.departments.bucknell.edu/russia/77cons03.html>. Acesso em: 27 fev. 2023.

VANCONCELOS, Renato; TURRER, Rodrigo. “Putin teme mais o avanço da UE que o da OTAN”, diz Thomas Friedman. São Paulo: Estadão. 22 mai. 2022, pp. A22-A23.

VIANNA, Alexandre Martins. Antes do 11 de Setembro: o desafio de definir responsabilidades. Revista Espaço Acadêmico, ano XI, pp. 01-13, set. 2011.

WOLF, Martin. Putin reacendeu velhos conflitos. Valor Econômico, 02 mar. 2022 (a), p. A13.

_____. É um dever ajudar a Ucrânia. Valor Econômico, 04 mai. 2022 (b), p. A17.